RESUMOS

As Armas e os Asiáticos. Uma Evocação das Armas de Fogo Europeias e do seu Papel nos Primórdios da Ásia Moderna

A “revolução militar” que transformou as guerras europeias nos primórdios da era moderna, de cerca de 1500 a 1800, teve também repercussões significativas fora da Europa. Na Europa, o impacto manifestou-se sob a forma de mudanças nas técnicas de fortificação, batalhas navais e utilização de salvas de artilharia. Este ensaio reconsidera a “revolução militar no estrangeiro” tomando como ponto de partida a obra *The Military Revolution* de Geoffrey Parker (1988). Argumenta que na Ásia havia dois vectores distintos de transmissão no que respeitava às mudanças nas técnicas militares: um que envolvia os regimes políticos muçulmanos (especialmente os Otomanos e os seus agentes “rumi”) e outro que envolvia os europeus que se espalharam pela Ásia marítima a partir de 1500. Estes dois vectores chegaram por vezes a estar interligados. Defende ainda que a natureza e a extensão das mudanças variavam consideravelmente pela Ásia fora, do Irão ao Japão. Neste contexto, o ensaio analisa em termos genéricos as mudanças que se verificaram em diversas regiões da Ásia recorrendo a um conjunto de materiais primários e secundários. Finalmente, debruça-se sobre as reticências, assentes em factores culturais, e o fascínio, que as novas tecnologias e os seus proponentes geraram para depois inscrever as histórias asiáticas num contexto global.

[Autores: Sanjay Subrahmanyam & Geoffrey Parker, pp. 12-42]

Armas e Equipamentos de Guerra Portugueses no Oriente nas Primeiras Décadas de Quinhentos

A rápida afirmação militar dos Portugueses nos mares orientais em princípios de Quinhentos tem vindo a ser explicada pela generalidade dos historiadores, na esteira de Carlo M. Cipolla, com base, sobretudo, na enorme superioridade

patenteada pelos seus “canhões e velas”. Dessa preeminência damos conta no nosso estudo à medida que formos percorrendo sobre o tipo de artilharia utilizada quer a bordo dos navios portugueses, quer nas operações terrestres (de campanha ou de sítio) ou nas próprias fortalezas. Ao longo do trabalho procuramos ainda demonstrar que, em termos navais, essa superioridade apenas se manifestou em toda a sua plenitude graças à adopção, no Índico, de uma tática de combate inovadora – o combate em linha com recurso à artilharia – que, substituindo a tradicional investida-abordagem, pôde otimizar todo o potencial das bocas de fogo portuguesas. Detemo-nos ainda sobre outros domínios da tecnologia militar que foram igualmente relevantes para a afirmação dos Portugueses como principal potência militar-naval do Índico nas primeiras décadas do século XVI. Nesse sentido damos um destaque especial ao armamento pessoal e a outros equipamentos de guerra (torres móveis, tranqueiras pré-fabricadas e fortalezas móveis em madeira), não só pela sua importância como elemento desequilibrador durante os combates, mas também por se tratar de um assunto normalmente abordado apenas de forma marginal na generalidade dos estudos especializados.

[Autor: Vitor Luís Gaspar Rodrigues, pp. 43-55]

Será que Zheng Chenggong Precisava da Ajuda de um Alemão Ébrio para Conquistar a Colónia Holandesa de Taiwan?

Terá sido a fortificação abaluartada um motor-chave da expansão europeia, como argumenta Geoffrey Parker, ou será que a sua importância foi sobrevalorizada, como sugeriu Jeremy Black? O caso do Forte Zeelandia em Taiwan poderá ajudar-nos a decidir. A sua conquista, em 1662, pelo senhor da guerra chinês Zheng Chenggong, defensor da dinastia Ming, sustenta a opinião de Black de que povos não-

europeus eram inteiramente capazes de vencer as fortalezas com baluartes. Mas o cerco de Zeelandia, não estudado em profundidade até ao presente artigo, mostra que Zheng Chenggong teve consideráveis dificuldades em conquistar o forte, que não era, como um governador holandês chegou a escrever, “gato para ser apanhado sem luvas”. Embora Zheng não necessitasse da ajuda europeia para identificar as fraquezas do forte, que, como o artigo demonstra, compreendeu imediatamente na fase inicial, teve dificuldades em compreender as suas forças, como a capacidade de manter um fogo cruzado mortífero. Mais curioso ainda é o facto de as suas tentativas de conquista do forte terem obedecido a um claro processo de aprendizagem e adaptação. Embora Black esteja certo ao destacar que as fortalezas abaluartadas não eram de forma alguma invulneráveis aos povos não-europeus, este artigo toma o partido de Geoffrey Parker, sugerindo que este tipo de fortificação merece a sua reputação de pilar da expansão europeia porque permitiu que pequenas guarnições militares de europeus resistissem a grandes e poderosos inimigos.

[Autor: Tonio Andrade, pp. 56-76]

“Às Armas”: Os Primórdios do Moderno Poder de Fogo Japonês e o Cerco do Castelo de Hara

O único grande envolvimento militar governamental nos primórdios do Japão moderno entre a consolidação final da autoridade dos Tokugawa no cerco do castelo de Osaca em 1614/1615 e a Guerra de Boshin de 1868/1869 foi a resposta dos Tokugawa à Revolta de Shimabara, no cerco do castelo de Hara, durante o Inverno de 1637/1638. Este artigo incide sobre o impacto das armas de fogo, incluindo armas de ombro e canhões, nos esforços do exército de cerca de 150 mil homens reunidos pelos Tokugawa para romper as defesas do castelo de Hara e a resistência dos camponeses

RESUMOS

no seu interior. Não somente cada um dos lados utilizou armas portáteis nos seus combates, como os Tokugawa chamaram os seus aliados holandeses que usavam canhões, tanto em terra como no mar, para destruir as defesas do castelo. Este artigo analisa de perto as formas de capacidade militar em jogo e as táticas seguidas por cada um dos lados para a sua implementação e chega a duas conclusões importantes. Em primeiro lugar, ainda que alguns tenham considerado que os japoneses “desistiram” das armas de fogo depois das confiscações de armas de Toyotomi Hideyoshi (e outros esforços de estratificação da sociedade japonesa) terem supostamente libertado o país de armas de fogo, estas ainda ocupavam um lugar proeminente em ambos lados deste cerco. Em segundo lugar, ainda que tenham sido utilizadas armas de ombro e, sobretudo, canhões holandeses, as armas de fogo pouco ou nenhum impacto tiveram no resultado do cerco.

[Autor: Matthew Keith, pp. 77-95]

A Captura do Galeão *Santiago* em 1602

Em 1602, o galeão português *Santiago* foi capturado por dois navios neerlandeses ao largo da ilha de Santa Helena, no Atlântico Sul. Foi o primeiro navio da Carreira da Índia tomado longe de Portugal ou dos Açores e também o primeiro a ser capturado por neerlandeses. O combate consistiu num duelo de artilharia de três dias, resolvido sem recurso a abordagem, pois os portugueses renderam-se quando sentiram que o galeão corria o risco sério de se afundar. Dentre o grupo dos recontros entre embarcações da Carreira da Índia e navios neerlandeses, trata-se, tanto quanto sabemos, daquele que foi descrito com maior detalhe, pois existem dois relatos bastante pormenorizados dos acontecimentos, um do português Melchior Estácio do Amaral, outro do italiano Francesco Carletti. Foi sobretudo com base nos seus textos que procurámos reconstituir este combate, em que a artilharia desempenhou um papel tão importante.

[Autor: André Murteira, pp. 96-105]

A Visão de um Europeu sobre a Revolta dos Três Feudatários. Gabriel de Magalhães e os Apontamentos para a Carta Ânua da China de 1674

A autora debruça-se sobre um documento do acervo do Arquivo/Biblioteca da Ajuda em Lisboa, datado de 1674 e assinado pelo jesuíta português Gabriel de Magalhães, residente na corte de Pequim nessa data. O mesmo dizia respeito a apontamentos que se destinavam, de acordo com o cabeçalho, a material a ser incorporado na carta ânua desse ano. O manuscrito, integrado na colectânea de Jesuítas na Ásia, é um importante documento na medida em que fornece informações pertinentes sobre a conturbada época de setenta do século XVII na China e a chamada Revolta dos Três Feudatários. Uma narrativa cujo interesse se mede também pelo facto de ser escrito por um europeu sobre assuntos relativos a um grande país com uma civilização e cultura muito diferentes daquilo que Gabriel de Magalhães, como europeu, estaria habituado a ver. Mas quem era esse missionário jesuíta a residir na corte imperial? E qual a importância das cartas ânuas como relato/testemunha daquela época? É o que este estudo pretende deslindar traçando a biografia e analisando a escrita do jesuíta português. [Autor: Anabela Nunes Monteiro, pp. 106-116]

Farmácias e Ervanários Tradicionais Chineses em Macau

Escondido no tecido urbano de Macau, principalmente nas ruas velhas do Bazar, existiam nos anos de 1960-70 curiosas lojas de “botica-mestre”, as farmácias tradicionais e as lojas dos ervanários chinesas, que eram verdadeiros mestres na arte de curar, conjugando conhecimentos de medicina com os de farmacopeia principalmente herbalística. Muitos deles eram, então, ainda muito procurados pela sua fama, tanto pela população chinesa como pela população portuguesa. Visitamos essas farmácias e esses ervanários e, durante muitas horas, aprendemos, com eles, os nomes dos fármacos que vendiam e a sua arte de diagnosticar, prognosticar

e manipular os simples, principalmente os da sua riquíssima farmacopeia herbalística. Muitas dessas lojas tradicionais desapareceram em nome de um falso progresso, que se esquece de que todas as cidades têm a sua história e que as suas tradições, a par do muito do seu património construído são também indicadores culturais que devem ser protegidos. Este nosso trabalho tem, apenas, como objectivo, legar uma memória dessas farmácias ricas em labores dirigidas por velhos e famosos mestres e dos modestos ervanários que acudiam com o seu saber às populações de menos posses que os procuravam quando adoeciam.

[Autor: Ana Maria Amaro, pp. 117-130]